

O GRUPO DE DANÇAS E RITMOS BRASILEIROS E AS POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEAS. Erika

Rodrigues, Prof^{ra}.Dra. Carmem Maria Aguiar. – Humanas - Educação – Licenciatura em Pedagogia – Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro.

Esse estudo analisa o Grupo de Danças e Ritmos Brasileiros criado em 1987, na Universidade Estadual Paulista campus de Rio Claro e sua existência como espaço de possibilidades para a re-criação de sentidos e a desconstrução das políticas de subjetivação da sociedade contemporânea. O grupo realiza nos encontros a vivência do Cacuriá, uma manifestação folclórica que surgiu em meados do século passado na Ilha de Alcântara no Estado do Maranhão. Sob a tutela de Seu Lauro e inserida na Festa do Divino Espírito Santo, a dança se desenvolve em roda, por vezes, em filas, mas há o elemento fundamental que é o aspecto extrovertido e sensual. Através do grupo da Dona Teté, que trabalhou nove anos com Seu Lauro em São Luís e inovou ao incluir instrumentos de cordas e teclados, além da percussão no ritmo, o Cacuriá se manteve como manifestação atual. A dança e o ritmo são nitidamente influenciados pela cultura africana, demonstrados em seus traços específicos, como as vestimentas, os instrumentos e o aspecto sensual e lúdico da dança.

A sociedade ocidental capitalista, fundada em alicerces da racionalidade técnico-científica e pautada pela temporalidade dominada pelo efêmero e precário constituiu a normatização dos movimentos, limitando-os à linearidade e bidimensionalidade. (FERNANDES, 1998). Através de uma imagem do corpo transformado em instrumento do biopoder e colocado dentro de uma lógica de mercado que instiga ao frenesi consumista, verifica-se um crescente processo de desfamiliarização com o corpo e, conseqüentemente, com o outro e com o meio. Diante deste quadro, a vivência do Cacuriá permite às pessoas experimentarem diferentes formas de se relacionar com o próprio corpo e entrar em contato com movimentos desabituais. O Cacuriá leva ao aprendizado da rotação do corpo em torno de si mesmo e do parceiro, do ritmo, do improviso, das letras e do contexto cultural, o que desencadeia uma nova forma de se posicionar na tridimensionalidade, seguindo o desenho alternado de ocupação do espaço, diferentes dos normalmente assimilados (como o andar fragmentado para frente ou para trás, a marcha militar, sempre em linha reta). Dessa forma, os movimentos provocam uma reeducação no corpo.

As políticas de subjetivação contemporâneas contraíram o tempo em uma lógica do excesso e da velocidade como formas privilegiadas de viver que influem nas subjetividades e nas relações que se estabelece com a realidade decretando a mercantilização quase generalizada dos modos de vida (LIPOVETSKY). Levando em consideração a importância em ultrapassar essa lógica e instigar o corpo a ser afetado pelo outro e pela novidade da criação e da conscientização na dança, o grupo se apresenta como espaço de aprendizagem e de sensibilização. O objetivo desse trabalho é o estudo do grupo levando em consideração sua importância cultural e os processos de aprendizagem desencadeados pela vivência de outras formas de movimento.

A possibilidade de renascimento é tendência comum nas manifestações afro-brasileiras, não somente pela redescoberta das raízes culturais e pelo caráter dinâmico que a caracteriza como algo não estável, mas sempre modificado pelas novas gerações e pelo diferente contexto em que se manifestam, mas pela redescoberta do próprio corpo e das possibilidades inéditas de existência. A experiência do diálogo, do conhecimento, do prazer, do êxtase, do caos e, na prática, ou em um conjunto de práticas, que desencadeiam sensações como espontaneidade, elasticidade, liquidez e peso constituem-se como recurso para a trajetória de um modo de conscientização do corpo e os modos de sentir, interpretar, acreditar e questionar aquelas palavras e atos que não são propriamente nossos, mas da autoridade das falas que nos circundam.

Os encontros acontecem duas vezes por semana e o grupo se apresenta esporadicamente em eventos relacionados à cultura popular. Durante os encontros são discutidas propostas para novas manifestações como o Jongo no Rio de Janeiro, o Côco do nordeste

brasileiro e o samba de roda. É importante observar, ainda, que durante as reuniões semanais notam-se tendências de posturas perante os rumos do grupo ressaltando as divergências quanto à compreensão do grupo como valorização da cultura popular e possibilidade de resgate dessa cultura em um ambiente acadêmico e, ao mesmo tempo, como proposta de investigação das raízes culturais que perpassam a história pessoal de cada um e que pode ser redescoberta quando apresentamos os ritmos em situações diversas.

Dividem-se as opiniões quanto à concepção das finalidades dos encontros como dança pura ou espetáculo que necessita de ensaio, o que transforma os encontros em um espaço para a reflexão e, longe de se chegar a um consenso, são feitas tentativas e propostas diversas gerando uma multiplicidade de idéias e práticas. Além de aprendermos os ritmos, a história e a dança, o grupo se reúne para conversar sobre a vivência de cada um, as impressões durante as apresentações e idéias para outras intervenções e utilização dos instrumentos. Surgem muitas dificuldades, principalmente no que se refere ao grupo de pessoas que freqüentam os encontros, sendo que apenas uma parte do grupo freqüenta assiduamente as reuniões. Durante as conversas sobre as experiências muitas pessoas relatam como o contato com o Cacuriá e a cultura popular exerceu sobre si uma forte influência. Muitas pessoas descobrem a dança pela primeira vez ao participar do grupo e passam a conhecer a cultura popular brasileira a partir desse espaço. As apresentações realizadas é outro momento importante devido ao desafio em entregar-se à novidade e à incerteza. É comum que, durante uma apresentação, pessoas que assistem a dança serem convidadas para participar e, assim, transformam-se em parceiro (a) no primeiro contato.

O Cacuriá, assim como o Jongo no Rio de Janeiro, o Côco no nordeste brasileiro, as Folias de Reis em Minas Gerais e as diversas manifestações folclóricas existentes expressam de forma artística, religiosa, política e erótica uma linguagem de ação que manifestam a vida entendida como reeducação das subjetividades que potencializam a experiência de novos modos de sentir. O Grupo de Danças e Ritmos Brasileiros permite, através dos encontros, expor os corpos a essas manifestações e substituir o apelo da sociedade de consumo e das forças sociohistóricas instituídas atualmente pela interação e sensibilização do corpo com o meio, com o outro e com o diferente.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- FERNANDES, Ciane. **Esculturas líquidas: a pré-expressividade e a forma fluida na dança educativa (pós) moderna**. CEDES, v.21 n.53. Campinas, 2001.
- CALAZANS, J., CASTILHO, J., GOMES, S. **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.

Bolsa: PROEX